

A metáfora do jogo em Miguel Jorge: um estudo de *As sete regras do jogo*.

Ana Lúcia Silva Braz¹(IC)*; Nismária Alves David²(PQ)

1 Bolsista PBIC/UEG, Curso de Letras, Câmpus Pires do Rio. E-mail: analuciasilvabraz13@gmail.com

2 Professora Orientadora, Curso de Letras, Câmpus Pires do Rio, e POSLLI, Câmpus Cora Coralina.

Resumo: Este trabalho pretende oferecer uma síntese dos resultados obtidos a partir da pesquisa de Iniciação Científica, desenvolvida no período de agosto de 2016 a julho de 2017, acerca do livro de poemas **As sete regras do jogo**, do escritor goiano Miguel Jorge. Trata-se de uma obra que foi publicada no ano de 2014 e é composta por onze partes, nas quais notamos a recorrência da metáfora do jogo. Adotamos o método de pesquisa bibliográfico e analítico-interpretativo, aqui, selecionamos e fizemos a análise de um dos poemas do referido livro. Realizamos leituras teóricas para a compreensão da linguagem literária e da lírica moderna e contemporânea, fundamentando-nos em Salvatore D'Onofrio (1995) e Michael Hamburger (2007), entre outros autores. Como características da lírica jorgeana, foi possível constatar a novidade, o estranhamento e, sobretudo, o estilo de escrita metafórico cuja complexidade requer a participação e a cooperação do leitor para a apreensão dos sentidos.

Palavras-chave: Poesia. Literatura Goiana. Novidade. Estranhamento. Imagem poética.

Introdução

As sete regras do jogo é um livro de poemas que foi publicado pelo escritor goiano Miguel Jorge em 2014. É composto por onze partes em que se constata a ênfase à novidade por meio do emprego da metáfora do jogo em suas páginas. Em particular, a presença desta imagem poética (do jogo) interessou-nos neste trabalho de Iniciação Científica, cujo desenvolvimento se deu no período de agosto de 2016 a julho de 2017. Neste texto, objetivamos socializar alguns dos resultados que foram obtidos a partir desta experiência de pesquisa.

Material e Métodos

Para a realização desta pesquisa científica, de caráter bibliográfico e de prática de análise e interpretação, primeiramente, fizemos a leitura do livro de poemas **As sete regras do jogo**, de Miguel Jorge (2014). Também, foi necessário dedicarmos boa parte do tempo ao estudo de métodos de como analisar poemas. Do livro de Miguel Jorge, foram selecionados os principais poemas que evidenciam a metáfora do jogo para o trabalho analítico-interpretativo. Com o propósito de discutir

a lírica jorgeana, realizamos leituras de materiais teóricos e críticos sobre lírica moderna e contemporânea. E, por fim, fizemos o levantamento bibliográfico e a leitura da fortuna crítica que dedica atenção à poesia de Miguel Jorge.

Resultados e Discussão

A imagem poética do jogo é bastante recorrente em **As sete regras do jogo**. Daí, sabemos que há o jogo, mas de quem? Nada fica claro. Cabe ao leitor, prestar atenção às várias pistas dadas pelo sujeito lírico para, ao menos, tentar desvendar os enigmas, isto é, buscar compreender os versos de Miguel Jorge.

Numa primeira leitura do livro, temos a percepção de que o sujeito lírico jorgeano mostra uma inquietação que não o deixa seguir adiante, pois ele sempre se remete ao passado, estando no presente. Isso sugere situações que não foram bem resolvidas e que persistem no campo maior que é o jogo da vida.

No jogo, é sempre esperado que existam regras. Por isso, questionaríamos quais são essas regras no jogo poético? Estas também não são claras nos versos jorgeanos. Entretanto, vemos, no livro de Miguel Jorge, a todo o instante, o movimento dos seres em campo. Este movimento que é um movimento de liberdade, que o sujeito possui, mostra-lhe que é imperfeito, visto que este acaba usando essa liberdade para realizar escolhas, às vezes erradas. Dessa maneira, entendemos que as inquietações geradas por eventos que foram mal resolvidos se tornam empecilhos para que o homem consiga alcançar a felicidade plena.

Considerando que a novidade é uma das características da linguagem literária, recordamos, segundo Salvatore D'Onofrio (1995, p. 15), que: “A linguagem poética insurge-se contra o automatismo e a estereotipação do uso linguístico, reavivando arcaísmos, criando neologismos, inventando novas metáforas, ordenando de um modo diferente e surpreendente os lexemas no sintagma”.

Isso é observado nos poemas de Miguel Jorge e exemplificamos a metáfora do jogo que o poeta explora em sua obra com o poema 07:

07: Procuo a palavra como o zagueiro
Procura a bola. A palavra foge, escapa
Pelos dedos, se esconde atrás das vidraças.
O olhar da moça recomeça o tempo,
Brilhante e forte. E leva consigo
O riso de quem lhe abriu o coração.
E tudo se perde no esquecimento: os chutes,

Os passes, os dribles, os gols. Inúteis os gritos,
A esperança vária. Inútil o governo.
Difícil martírio, artifício de enganar
Antigos crimes.
(JORGE, 2014, p. 30).

Conforme o **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, a palavra metáfora origina-se do latim *metaphòra* que significa “mudança, transposição”, isto é, “transposição do sentido próprio ao figurado”. Sem dúvida, na construção do significado metafórico, para Pontes (1990), importam o contexto, o texto e o leitor.

No poema supracitado, nota-se a relação de "palavra" com "zagueiro" (jogador de defesa que atua em uma das zagas). Esta imagem poética de jogo remete a uma luta e, ao mesmo tempo, à necessidade de se ter paciência. Dessa maneira, tem-se uma projeção mental do jogo e do combate intelectual. Além disso, mostra o lado emocional do sujeito lírico, representado em primeira pessoa.

Mostra a fuga da palavra, revelando que ela é um bem que não se prende e pode ir para outros meios. Possuindo outras significações, não apenas o significado inicial, a linguagem tem um poder transformador. O termo “foge” quer dizer retirar-se às pressas. As vidraças, não apenas uma, mas as "vidraças", no plural, são empecilhos que refletem a mentira que tenta ser escondida. "Vidraças" (pedaço fino e achatado de vidro) podem ter relação com aquilo que é, ao mesmo tempo, aparente e obscuro. Podemos, assim, associar a imagem das vidraças à vidência (ou simplesmente, sabedoria) do sujeito.

A seguir, encontramos o termo "olhar", cujo significado denotativo de “fitar os olhos, mirar”. Não se trata de qualquer olhar, mas de o “olhar da moça”. Nesta imagem poética, vemos a referência à figura da amada que, com sua ausência, retira também a felicidade do sujeito lírico. Há ainda a imagem do coração que é revelado como lugar e depósito de sentimentos.

Remete-se à vida como um jogo. Há uma gradação de imagens poéticas de jogo: "chutes" (movimento de estender a perna com força, impulsionando para frente); "dribles" (ação de fugir, evitar ou enganar); e "gols" (a bola deve entrar na trave para que seja marcado um ponto). Isso mostra que há momentos de atacar e esperar. Há objetivos a serem alcançados e, apesar de existirem obstáculos, vemos que o sujeito do verso é bem sucedido. Mesmo com os "gritos", no verso 8, imagem poética com a qual se pode reconhecer a torcida adversária no campo da vida, seu

resultado foi favorável. A palavra "martírio" (tortura ou sacrifício) mostra que, de alguma forma, a pessoa vitoriosa se sente torturada, com o "artifício" (recurso inteligente de enganar). Erros que deveriam ter sido punidos, mas que não foram.

Conforme D'Onofrio (1995, p. 15): "A novidade do significante linguístico causa no leitor um efeito de estranhamento, que o obriga a refletir na formulação da mensagem". Justamente, esta singularização – isto é, o estranhamento que o formalista russo Chklovski (1973, p. 45) vê como necessário para a linguagem literária – provoca e inquieta o leitor da lírica jorgeana, pois, segundo a teoria literária, "o poeta produz uma linguagem que, mesmo usando palavras comuns, recria essas palavras para tornar possíveis relações sempre novas com a realidade". (D'ONOFRIO, 1995, p. 16).

Em Prefácio ao livro em foco, David Oscar Vaz (2014, p. 8) expõe que **As sete regras do jogo** se trata de uma obra de amor, a qual possui uma linguagem hermética, com neologismos e diversas referências culturais e, dessa forma, "o desafio da leitura é, acima de tudo, de ordem imagética". O referido estudioso acrescenta: "Este é um livro de amor, que trata do amor, das suas ilusões, do seu desfazer e do seu recomeço, numa escrita apaixonada, ainda que anti-lírica na maior parte das vezes, dura e desiludida" (VAZ, 2014, p. 9-10).

É possível afirmar que **As sete regras do jogo** constrói a metáfora do jogo para tratar do tema do amor, mas também para dizer e indagar sobre questões linguísticas, existenciais e também políticas. De acordo com Michael Hamburger (2007), a poesia tem a função de comunicabilidade, uma vez que comunica a arte e o homem, assim, quando a poesia aborda a linguagem, também aborda o homem.

A escrita de Miguel Jorge, na opinião de Neistein (2004, p.10): "Uma das facetas de sua luta constante tem sido a batalha pela conquista da palavra. Ela vem sendo trabalhada sem trégua, em vários planos, da descrição e do diálogo, vazados em linguagem realista, ao tratamento simbólico e metafórico". O olhar crítico de Miguel Jorge é constatado nos diversos gêneros literários (prosa, teatro e poesia) pelos quais se incursiona.

Para explicar do título, **As sete regras do jogo**, devemos lembrar que o número sete (7) é o número da perfeição. Assim, para chegar à perfeição, necessita-se de sete passos, remetendo-se novamente ao movimento, traço característico do livro em questão. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (1995), o número 7 pode indicar o sentido de uma mudança depois de um ciclo concluído e de uma

renovação positiva, simbolizar a totalidade do espaço e do tempo, bem como a totalidade do universo em movimento. Relacionando tais sentidos aos versos jorgeanos, constatamos que o jogo é a própria vida, ou seja, a metáfora do jogo representa a vida. A nós, leitores, restam-nos as permanentes dúvidas: existe uma força superior ao homem que comanda sua existência? O movimento acontece sem o querer próprio do ser humano? Os seres são apenas peças de um tabuleiro?

Considerações Finais

A partir desses apontamentos, refletimos que a construção poética inovadora realizada por Miguel Jorge é insubmissa, uma vez que possui um estilo de escrita metafórico que, sem dúvida, é complexo e que exige a participação e a cooperação do leitor para a depreensão dos sentidos. A relevância desta pesquisa centra-se no fato de que ainda há poucos estudos sobre a lírica do referido escritor, que é um dos nomes mais representativos da Literatura Goiana contemporânea. Esperamos divulgar sua produção literária e despertar o interesse de outros acadêmicos de Letras pela leitura e estudo de poesia, principalmente, goiana.

Agradecimentos

Agradecemos ao PBIC/UEG por propiciar a Bolsa de Iniciação Científica à acadêmica no período de agosto de 2016 a julho de 2017.

Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Coordenação C. Sussekind. Tradução V. da Costa e Silva et. all. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

CHKLOVSKI, Vítor. A arte como procedimento. In: CHKLOVSKI, V. et alli. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Tradução Ana Maria R. Filiposki et alli. Porto Alegre: Globo, 1973.

HAMBURGER, Michael. **A verdade da poesia: tensões na poesia modernista desde Baudelaire**. Tradução Alípio Correia Franco Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

JORGE, Miguel. **As sete regras do jogo**. Goiânia: Kelps. 2014.

NEISTEIN, José. Marbrasa: e a poética da palavra. In: JORGE, Miguel. **Marbrasa**: poesia. Goiânia: Agepel, 2004.

PONTES, Eunice (Org.). **A metáfora**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

VAZ, David Oscar. Prefácio. In: JORGE, Miguel. **As sete regras do jogo**. Goiânia: Kelps. 2014.